



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE A NATUREZA NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

LÍVIA FRAGA CELESTINO⁴

Resumo: Este artigo possui como base a afrocentricidade buscando analisar as cosmopercepções vinculadas a natureza presentes nas comunidades dos terreiros decandomblé. Em um processo de dominação colonial em que vivemos, a afrocentricidade é uma abordagem necessária por colocar o pensamento africano, do continente e da diáspora, no centro do discurso e não mais como margem. Assim, as pesquisas que tratam das cosmopercepções afrodiaspóricas abrem possibilidades de perceber o mundo com outros olhares. Com referências pautadas na afrocentricidade e, em minha vivência enquanto mulher negra de axé, este breve artigo se propõe a introduzir algumas discussões sobre a natureza para as comunidades de candomblé.

Palavras-chave: afrocentricidade; cosmopercepção; natureza; candomblé.

Introdução

Diante desse cenário de colonização do saber e de forte epistemicídio torna-se fundamental o compromisso de pesquisa que busque olhares pluriversais, afrocentrismo e afroreferenciados que possam “escurecer” lacunas em nossa história, ontadas unicamente a partir da perspectiva colonizadora. Se faz necessário a valorização da produção de conhecimento que conte as perspectivas das pessoas pretas, histórias e experiências, e especialmente, que valorize as nossas narrativas e visões de mundo. Uma afroperspectiva para desvelar aquilo que não contaram sobre nós e sobre os nossos.

O deslocamento da noção de “cosmovisão” (mais atrelado ao mundo ocidental vinculado ao olhar/imagem/visual) para o de “cosmopercepção” (mais vinculado a valorização de outros sentidos para perceber o mundo), baseado na autora OYEWÙMÍ (1997), ratifica mais uma vez o processo de afrocentrismo e negrecer conceitos demonstrando outras percepções de mundo. É tarefa deste artigo buscar na

⁴ Mulher negra e candomblecista do terreiro Ilê Axé Icimimó Aganju Didê, Cachoeira/Bahia. Geógrafa e mestra em Geografia (UFBA), Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/UFBA), orientanda do Prof^o Dr. Fabio Macedo Velame. Membro do grupo de pesquisa Etnicidades (Grupo de Estudos Étnicos e Raciais em Arquitetura e Urbanismo/UFBA). Professora efetiva de Geografia na rede pública Estadual da Bahia. Contato: livia_fraga@hotmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

experiência da afrodíspora os caminhos teórico-metodológicos para compreender a experiência de nós pessoas pretas e, aqui, especificamente, a partir das cosmopercepções vinculadas a prática religiosa do candomblé. Nesse sentido, a afrocentricidade emerge como proposta epistemológica que desloca o pensamento dominante e aponta nossas possibilidades e perspectivas de mundo.

A lógica engendrada nas ações de patrimonialização direcionadas aos terreiros de candomblé ainda seguem lógicas eurocêntricas que pouco dialogam com a realidade, práticas e vivências dessas comunidades. Nesse sentido há um choque entre o que é proposto e “visto” (cosmovisão ocidental) pelos órgãos de preservação do patrimônio e aquilo que é “sentido”, “vivido”, “experenciado” (cosmopercepção) pelas comunidades de terreiro. Por essa razão proponho uma pesquisa que não apenas enfrente essa lógica, mas sobretudo desvele as cosmopercepções vinculadas à religião do candomblé.

A sociedade brasileira foi erguida a partir da escravização de corpos negros que perdurou por séculos, sendo o último país das Américas a abolir a escravidão. Os espaços urbanos no Brasil foram erguidos ao receberem praticamente a metade da diáspora negro-africana das Américas. A população negra no período escravocrata, através da exploração da sua força de trabalho, foi usada para a acumulação da riqueza colonial. Através de toda a força de trabalho dos negros as cidades se ergueram, mas apesar disso sua evidente contribuição segue ainda invisibilizada ou apenas reduzida a condição de subalterno através das práticas coloniais.

A história reduz a participação da população negra apenas a sua força de trabalho braçal, ignorando suas habilidades, suas culturas, seus conhecimentos e assim revelando um alijamento da participação negra. Seu saber/fazer, suas mãos e técnicas, e os conhecimentos das civilizações africanas construíram aqui cidades e formaram a sociedade brasileira e sua cultura. Portanto, se faz importante desvelar a fundamental participação dos sujeitos negros da construção das cidades, na formação da sociedade e da cultura brasileira. Trazer esse tema ao debate é relevante que ainda são incompletos os estudos que insistem em desconhecer essa abordagem. Se faz



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

necessário, portanto, na busca pela leitura de uma cidade que se propõe mais igualitária pensarmos numa descolonização da cidade e suas epistemologias.

Na história, no imaginário social, em suas narrativas e na sua produção das cidades, o sujeito negro foi relegado ao esquecimento e ao apagamento de sua cultura. Sua história apenas ganha visibilidade nos cenários de violência, empobrecimento, encarceramento e segregação urbana. Mas a população negra, cuja herança apresenta-se nos seus modos de ser e estar no mundo, encontra-se apagado nos capítulos dos estudos e pesquisas. Com toda a contribuição dos sujeitos negros na construção da sociedade brasileira, o racismo, enquanto tática de morte, segue desumanizando os negros, promovendo racismo epistêmico, apagando e menosprezando sua propriedade nos saberes e fazeres, eliminando sua participação e sua existência. Para enfrentar esse racismo que promoveu o cruel alijamento da existência negra nas cidades brasileiras que se torna fundamental trazer à tona as suas contribuições, seus modos de pensar e sentir. Romper com os silêncios. Fazer emergir toda cultura, conhecimentos, saberes, valores e perspectivas.

Nós vivenciamos em um mundo dominado por epistemologias ocidentais que produzem conhecimentos e visões de mundo, muitas vezes, opressoras aos negros e que conduzem a desenraizamentos de sua história, cultura, religiosidade. Nessa perspectiva as pessoas negras são percebidas como fora do padrão aceitável e, junto com seus corpos, toda a sua cultura, sua história, religiosidade, seus conhecimentos e percepções sobre o mundo.

Um caminho possível para afastar-se das máscaras brancas impostas se dá com acesso ao conhecimento. Os africanos têm sido negados no sistema de dominação racial branco e “não se trata apenas de marginalização, mas de obliteração de sua presença, seu significado, suas atividades e sua imagem. É uma realidade negada, a destruição da personalidade espiritual e material da pessoa africana”(ASANTE, 2009, p.95). Cabe enegrecer que o entendimento de “povos africanos”, para Asante (2009), recobre todas as pessoas que estão fora ou dentro do continente africano, inclusive os afrodescendentes em diáspora, mas vale dizer que não se trata de essencialismos



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ou mesmo busca por bases biológicas mesmo porque o autor supracitado registra que ser africano não é sinônimo de ser afrocentrado. Conhecimento é o único caminho possível em busca da libertação dos nossos corpos e mentes. Nesse sentido a escola e à educação representam a possibilidade de acesso ao conhecimento. E, desta maneira, se faz importante também a descolonização dos currículos escolares na escola brasileira. Gomes (2018) enfatiza a possibilidade de uma mudança epistemológica e política no que se refere ao trato da questão étnico-racial na escola proporcionada pela introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras, através da Lei 10.639/03. A introdução da lei promove desconstrução de saberes eurocentrados possibilitando a construção ampla de novas possibilidades de visões de mundo, do reconhecimento de si e do outro.

Para a autora, o trato da questão racial no currículo e as mudanças advindas da obrigatoriedade da lei nos currículos das escolas da educação básica só poderão ser considerados como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação se esses não forem confundidos com novos conteúdos escolares a serem inseridos ou como mais uma disciplina, “trata-se, na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política” (GOMES, 2012, p 106). E acrescenta que a introdução da lei representa uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico sendo capaz de romper com o silêncio e outras práticas que promovem a discriminação racial. Sobre essa quebra do silêncio a autora supracitada ainda reafirma que a proposta da Lei 10.639/03:

[...] abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afrobrasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências. (GOMES, 2012, p105)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

A expansão do conhecimento e a garantia do acesso no ensino básico ou mesmo universitário a todo legado cultural do continente africano através de sua história, resistências, religiosidade e todos os aspectos culturais representam um desafio a ser implementado. Neste campo da educação o avanço promovido com a Lei 10.639/03, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, indica direções, representa ganhos e significa não apenas a introdução das vivências e do pensamento africano e afro-brasileiro no conteúdo das disciplinas escolares, mas sim um grande exercício de valorização de perspectivas pluriversais e também de promover a desmarginalização das culturas. Apesar desse avanço, sabemos que a lei mesmo após quase duas décadas de sua criação esbarra nos limites impostos tanto pelo racismo estrutural quanto pelos poucos recursos destinados à educação e pela reduzida valorização na formação dos professores.

Diante desse cenário de colonização do saber e de forte epistemicídio torna-se fundamental o compromisso de pesquisa que busque olhares pluriversais, afrocêntricos e afroreferenciados que possam escurecer lacunas em nossa história contadas unicamente a partir da perspectiva colonizadora. Se faz necessário a valorização da produção de conhecimento que conte nossas histórias e experiências, que valorize as nossas narrativas e visões de mundo. Uma afroperspectiva para desvelar aquilo que não contaram sobre nós e sobre os nossos.

Nogueira (2014, p.45) inspirado pelas referências que envolvem a formulação política do quilombismo de Abdias do Nascimento, a afrocentricidade elaborada por Molefi Asante e o perspectivismo ameríndio suscitada pela etnologia amazônica de Eduardo Viveiros de Castro, definiu afroperspectividade como “uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas. Sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiáspóricos, indígenas e ameríndios”.

Este artigo se propõe a contribuir para a construção de narrativas que podem fortalecer as comunidades de terreiro que se tornam espaços de forte resistência



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

política, religiosa e cultural. Nesse sentido as pesquisas que tratam das cosmo percepções africanas e afrodiaspórica são importantes e abrem novas possibilidades de aproximação entre os africanos e nós, africanos em diáspora. O deslocamento da noção de “cosmovisão” para o de “cosmopercepção” nesta pesquisa ratifica mais uma vez o processo de afrocentrar e enegrecer conceitos demonstrando outras percepções do mundo.

A pesquisadora feminista nigeriana Oyèrónké Oyewùmí (1997) em seus estudos sobre gênero discute sobre as percepções do ocidente em relação aos corpos dentro de uma concepção binária que separa o corpo e a mente. O dualismo cartesiano presente no pensamento ocidental muito difere do pensamento africano que privilegia também outros sentidos. A autora aponta que uma das razões pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é a supervalorização do olhar, da visão. Nesse sentido cosmopercepção será tratado nessa pesquisa a partir das contribuições de Oyewùmí (1997) que enfatiza:

O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos (1997, [trad. 2019] p.03)

Afrocentricidade: epistemologias afrodiaspóricas

Realizar uma pesquisa que trata como paradigma a afrocentricidade é um caminho possível a ser trilhado ao valorizar o pensamento, a perspectiva e experiências vividas pelos negros no processo diaspórico. É tarefa desta pesquisa buscar no pensamento africano os caminhos teórico-metodológicos para compreender a experiência dos negros e, aqui, especificamente, a partir das cosmopercepções vinculadas a prática religiosa do candomblé. Entretanto essa tarefa realizada na pesquisa se torna árdua pela tentativa de afastar o olhar as perspectivas ancoradas em reflexões e pensamento europeu. Nesse sentido a afrocentricidade emerge como proposta



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

epistemológica que desloca esse pensamento dominante e aponta nossas possibilidades e perspectivas de perceber o mundo.

Afrocentricidade constitui-se enquanto proposta teórica idealizada pelo professor Molefi Kete Asante, em 1980, idealizador e diretor do primeiro programa de doutorado pioneiro na linha de “Estudos Africanos”, na Universidade Temple, na Filadélfia. Estudada principalmente pelos pesquisadores oriundos da diáspora ela dá continuidade a longa tradição já desenvolvida no século XIX por autores que mesmo não utilizando o termo “afrocentricidade” realizavam estudos com uma abordagem afrocentrada. Asante definiu afrocentricidade utilizando como referência fundamental as reflexões do intelectual senegalês Cheikh Anta Diop, que passou a ser amplamente divulgada após a morte de Diop, em 1986 (NASCIMENTO, 2009, p 29).

Em um processo de forte dominação colonial a afrocentricidade é uma abordagem inovadora por colocar o pensamento africano, do continente e da diáspora, no centro do discurso e não mais como margem. Por esta razão a afrocentricidade é uma questão de localização. Localizar está relacionado ao lugar onde a narrativa é feita, refere-se às práticas, referências e aos valores, aos pensamentos e reflexões.

Afrocentricidade diz respeito à capacidade de estar dentro do seu próprio contexto cultural e histórico, isso significa que africanas e africanos devem buscar se localizar dentro de uma perspectiva africana. Ela emerge como um processo de conscientização política de povos que estiveram à margem da educação, da economia, da ciência e, se bem-sucedido, o “processo de recentralizar esse povo criaria uma nova realidade e abriria um novo capítulo na libertação da mente dos africanos” (Asante, 2009, p 94). Portanto, a “ideia da conscientização está no centro da afrocentricidade” pois é possível praticar usos e costumes africanos sem por isso ser afrocentrico, desta maneira “afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos” (Asante, 2009, p 94).

Em outras palavras a afrocentricidade “é uma teoria e um método que surge como resistência antirracista, procurando recolocar os povos negros dentro de



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

seus contextos históricos e culturais depois de um deslocamento provocado pelo racismo antinegro” (NOGUERA, 2014, p48). Para Asante (2009) afrocentricidade: [...] é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeito se agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos [...] é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica (ASANTE, 2009, p93).

Asante (2009, p.94) aponta que além da localização e agência são indissociáveis e representam a chave para a reorientação e recentralização, de modo que a pessoa africana possa atuar como agente e não mais como vítima ou dependente (desagência). Para o autor agência “é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana”. Esse sentido de agência denota protagonismo. Refere-se a capacidade de pensar, agir e transformar o mundo por vontade própria. Para Asante (1998, p.8) a identidade afrocentrada é o que possibilita essa agência e o âmago do racismo está numa “sociedade hierárquica que se recusa a reconhecer a agência africana”. Por essa razão, Nascimento (2009, p.192) advoga que a proposta da afrocentricidade “resultou numa fundação de escolas de abordagem afrocentrada e no desencadeamento de um movimento amplo na área da educação”. A noção de agência está nítida em Asante (1998, p. 8) ao enfatizar que:

Ao recuperar nossas próprias plataformas, ocupar nossos próprios espaços culturais e acreditar que nossa forma de contemplar o universo é tão válida quanto qualquer outra, podemos atingir a qualidade de transformação de que precisamos para participar plenamente numa sociedade multicultural. Entretanto, sem esse equilíbrio centrado não trazemos quase nada à mesa multicultural, a não ser uma versão mais escura da branca (ASANTE, 1998, p8).

Nesse sentido estar em estado de agência é a capacidade de utilização desses recursos na redefinição dos papéis dos africanos como protagonistas reais tanto na produção de conhecimento quanto na construção dos feitos humanos. E, quando essa agência não existe, está configurado o estado de “desagência”. Assim temos a condição de marginalidade “e sua pior forma é ser marginal na própria história” (ASANTE, 2009, p95). Para o autor, é através da conscientização que a pessoa



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

africana pode sair da posição de desagência posicionando-se como transformador de sua história e da história dos povos africanos. Asante ainda complementa “estou fundamentalmente comprometido com a noção de que os africanos devem ser vistos como agentes em termos econômicos, culturais, políticos e sociais” (ASANTE, 2009, p 95).

Asante(2009) apresenta cinco características mínimas para um projeto afrocêntrico: 1) interesse pela localização psicológica; 2) compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 3) defesos elementos culturais africanos; 4) compromisso com o refinamento léxico; 5) compromisso com uma nova narrativa da história da África. O autor supracitado ainda aponta que afrocentricidade não é religião, e pobreza razão, os elementos constitutivos dos valores africanos estão sujeitos a debate.

A afrocentricidade não é uma “versão negra” do modelo eurocêntrico, ao contrário, condena a valorização etnocêntrica às custas de degradação de outras perspectivas de mundo. Assentado na base supremacista branca, o eurocentrismo foi erguido para promover as relações de privilégio e vantagens da população branca em todas as esferas e nos quesitos da educação, economia, política entre outras. O eurocentrismo apresenta o europeu, suas histórias, suas vivências, suas ideias como o conjunto de toda experiência humana impondo suas realidades como universais e, por conseguinte, todo aquele não-branco é visto como um grupo específico, como não humano.

Na perspectiva afrocêntrica as ideias de universalidade são duramente contestadas sendo valorizada a pluriversalidade. Asante (2009, p.108) aponta que “uma das tarefas mais desafiadoras é desmascarar a noção de que posições particularistas são universais”. Segundo o autor, a Europa portanto tempo desfilou sua cultura como norma por tanto tempo que tanto os africanos quanto os asiáticos deixaram de perceber que a experiência europeia são aspectos particulares de uma cultura e não universais. E complementa ao dizer que “o afrocentrista sustenta que a cultura europeia deve ser vista como estando ao lado, e não acima, das outras culturas da



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

sociedade” logo “é preciso ressaltar que não é necessário parecer-se com a cultura europeia para ser civilizado ou humano” (ASANTE, 2009, p.108).

Vale mencionar que a definição de “africano” para Asante (2009) refere-se aos afrodescendentes no continente africano e na diáspora em todo mundo. A afrocentricidade esteve presente nas obras de autores pan-africanistas, entretanto foicunhado e sistematizado por Molefi Kete Asante, na década de 1980. Ela surge negando e questionando o eurocentrismo e possui como princípio que “nós africanos devemos operar como agentes autoconscientes, não mais satisfeitos em ser definidos e manipulados de fora”(MAZAMA, 2009, p. 111).

Essa postura surge como uma resposta a todas as ações impostas pela supremacia branca em todo mundo assumindo as formas através do: processo físico da violência, expresso através da escravização de milhões de africanos e extermínio dos povos indígenas durante a colonização; o processo social e econômico pelo qual milhões esperdem a soberania onde terra e trabalho são apropriados pelos europeus; por fim, o processo mental, através da ocupação do espaço psicológico e intelectual.

Ama Mazama (2009,p.114) sustenta a ideia de que a afrocentricidade convida os africanos a se reancorem “de modo consciente e sistemático em sua própria matriz cultural e histórica, dela extraíndo os critérios para avaliar a experiência africana”. Sendo assim, a afrocentricidade emerge enquanto novo paradigma que desafia o pensamento ocidental/eurocêntrico responsável por destituir os africanos da soberania e pelo desprezo de seus corpos, sua cultura e história. A autora supracitada complementa uma das estratégias perversas da cultura dominante europeia se deu através do disfarce das ideias, teorias e conceitos europeus como universais apresentando o europeu como civilizado eo africano como primitivo e, assim, a Europa forjou grande parte “de sua identidade moderna às custas dos africanos, particularmente por meio da construção da imagem do europeu como o mais civilizado e do africano como seu espelho negativo, isto é, como primitivo, supersticioso, incivilizado(MAZAMA,2009, p112).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Cosmopercepções sobre a natureza para as comunidades de terreiro de candomblé

Os terreiros de candomblé se constituem enquanto territórios, pois guardam uma identidade própria, possuem domínios territoriais demarcados e uma forma de organização espaço-temporal enquanto grupo religioso de vivência comunitária. Os terreiros de candomblé são caracterizados enquanto territórios que possuem simbologias e assentamentos particulares, apropriação dos recursos naturais pautados em uma cosmologia ancestral. Porque estudar os lugares sagrados da porteira para fora para além dos espaços das comunidades de terreiro?

Os terreiros não estão presos em seus muros. O terreiro está conectado a lugares da natureza espalhados pela cidade. Essa conexão do terreiro com esses lugares constitui “alimentação de axé”. Para Santos (2012, p.33) “os limites da sociedade egbé não coincidem com os limites físicos do terreiro” e desta forma:

[...] o terreiro, ultrapassa os limites materiais (por assim dizer polo de irradiação) para se projetar e permear a sociedade global. Os membros da *egbé* circulam, deslocam-se, trabalham, têm vínculos com a sociedade global, mas constituem uma comunidade ‘flutuante’ que concentra e expressa sua própria estrutura nos terreiros (SANTOS, 2012, p.33).

Esses processos levam as comunidades a criarem novos lugares sagrados (ampliando a rede sagrada no espaço da cidade) ou, por outro lado, resistindo na manutenção de seus ritos sagrados nos antigos espaços dos quais foram, por exemplo, desapropriados, expulsos ou tecendo novas redes mediante suas necessidades. É importante mencionar que os processos de tombamento de terreiros de candomblé representam um avanço na política patrimonial. Entretanto percebo que o instrumento técnico do tombamento cria também lacunas que comprometem a conservação do patrimônio afro-brasileiro. Os lugares sagrados para o povo de santo que extrapolam a porteira dos terreiros não estão incluídos nos processos de tombamento.

É importante questionar de que maneira as políticas públicas de patrimônio podem dialogar com as comunidades de terreiro e os entes de qual os instrumentos de



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

patrimonialização para garantir a preservação e as alvaguarda do patrimônio afro-brasileiro. No entanto para que seja possível esse avanço se faz necessário a desconstrução da perspectiva eurocêntrica sob os dogmas judaico-cristãos. Sem a inversão desse olhar as políticas de patrimônio podem continuar não sendo suficientes para dar conta do patrimônio afro-brasileiro.

Estou partindo do pressuposto que a arquitetura dos terreiros de candomblé e seus lugares sagrados tornam-se um uno indivisível, inseparável, se entrelaçam através dos caminhos, ruas e encruzilhadas. Essa inseparabilidade entre terreiro e a natureza faz parte da cosmopercepção dos povos de terreiro. Nesse sentido os terreiros de candomblé e seus lugares sagrados são dimensões interligadas e constituem uma rede sagrada de axé que se irradia pelo espaço da cidade.

Nessa perspectiva, podemos entender que existe axé⁵ onde existem rituais de axé. Os lugares do candomblé são os lugares alimentados pelas ritualísticas de axé, são todos os lugares ressignificados e atualizados pelo rito sagrado.

Concordamos com a perspectiva abordada por Velame (2019) e entendemos que a materialidade, a concretude, a dimensão física do terreiro não possui valor intrínseco, pois para a arquitetura afro-brasileira:

[...] o que interessa não é a matéria, a coisa, de que é feita, mas sim as circunstâncias, as dimensões simbólicas, os rituais, os fluxos de axé e as relações de hierarquia de gênero que se vinculam e que se fazem presente na arquitetura, ou seja, suas dimensões culturais (VELAME, 2019, p.267).

O axé não está preso entre os muros do terreiro físico. Sodré (2019, p.98) ainda explica que Mãe Aninha acolhia as demandas litúrgicas em sua casa ou mesmo quando viveu hospedada nas residências de gente amiga e acrescenta:

⁵Muniz Sodré (2019, p.92), em "O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira" aponta que o "axé é o elemento mais importante do patrimônio simbólico preservado e transmitido pelo grupo litúrgico de terreiro no Brasil". Esse axé é compartilhado nas festas e cerimônias litúrgicas, nos rituais de limpeza, nos rituais de iniciação, na alimentação e oferendas realizadas através das palavras, mãos e artefatos simbólicos utilizados pelos pais e mães de santo da comunidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

[...] o axé carregado pela Iyalorixá supria a diferenciação espacial estabelecida pela topografia do terreiro tradicional, abrindo caminho para iniciações e para o desdobramento de lugares sagrados. O terreiro definia-se, assim, não por sua territorialidade física, mas enquanto centro de atividades litúrgicas e polo irradiador de força (SODRÉ, 2019, p.98).

Para Sodré (2002) os terreiros de candomblé são a principal forma social do negro no Brasil. Estes constituem-se como um território religioso que considera a vinculação intensa com a natureza, relações familiares e comunitárias, agregador de símbolos e demarcadores territoriais sob a forma de templos, assentos⁶ e monumentos naturais (árvores, pedras, cachoeiras). Além da ancestralidade, a cosmo percepção religiosa de matriz africana implica em uma relação íntima com a natureza, visto que é nela que estão “vivas” as divindades africanas (nas matas, rios, lagos, cachoeiras, etc.), sendo impossível dissociá-las da interdependência com os elementos naturais. Sousa Junior (2011) revela o sagrado nas comunidades de terreiro presente nas árvores, matas, nas águas enquanto elementos da natureza:

[...] sem a natureza, sem estarmos presos à teia da vida, manifestada pela nossa ancestralidade, nada somos. Esta é a razão pela qual desde cedo os ancestrais foram e vocês são cultuados nas árvores, pedras, raios, trovões, rios, chuvas, cachoeiras, fogo, vento, terra, água e astros. Assim sendo, todos estes elementos revestem-se de grande significado nas comunidades-terreiros, local onde se saúda e observa-se não apenas o nascer e o pôr do sol, as fases da lua e as marés, mas também cada folha que cai a fim de buscar nisto um significado (SOUSA JUNIOR, 2011, p.38)

A natureza, nas tradições africanas, como as Iorubas e Bantu, é dotada de grande valor para toda a comunidade. Como já pontua Nogueira (2009, p.84) “a natureza diz respeito ao conjunto de todos os seres. No caso da língua Iorubá, a palavra “Éda” significa Natureza inclui humanos, (outros) animais, vegetais, minerais, todos os elementos constituintes do cosmos”.

⁵Receptáculo do axé da divindade



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global



**Presença da natureza e o assentamento de Caboclo ao lado de Seu Teodoro de Oxalá
(Babalaxé do terreiro) no terreiro Ogodô Dey, Cachoeira, Bahia (2022)**

Foto: Ilê Axé Ogodô Dey

A liderança indígena Ailton Krenak (2020, p.16-17) aponta a necessidade de percebermos a humanidade de maneira integrada a Terra como possibilidade de adiar o fim do mundo, pois “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza”. Nei Lopes (2008) nos diz que no Brasil o encontro entre as culturas locais e os de origem africana, principalmente de origem Banto, representa um momento de trocas ricas que marcaram para sempre a alma nacional.

[...] do ponto de vista das relações com a natureza, muitas concepções dos africanos bantu encontraram eco nas ideias dos índios brasileiros, fazendo surgir aqui, uma filosofia peculiar que se expressa hoje na religiosidade, em muitas técnicas, em inúmeros folguedos, principalmente, em certos conceitos ligados à terra, às árvores, aos rios e mananciais. Isso porque, no sistema das concepções filosóficas dos povos bantos, assim como no dos índios brasileiros (ao que nos consta), o culto aos antepassados se reveste de fundamental importância (LOPES, 2008, p. 196).

No candomblé tudo na natureza é entendido como sagrada. A terra é sagrada, as matas são sagradas, as águas são sagradas. No candomblé o apreço a natureza e,



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

especialmente as folhas sagradas, é tal que costuma ser dito “*Kò sí ewé, kò sí òrìsà*” (sem folha, não há orixá). Mas é preciso conhecimento para lidar com a natureza. Sobre essa relação que envolve conhecimentos sobre a natureza Jaime Sodré, nos adverte, que a natureza “tem o vene nomais também tem acura[...] é preciso conhecer para poder lidar, ou seja, lidar com esses elementos da natureza não é coisa de curioso, é coisa de quem sabe o que é a natureza” (Trecho do documentário Gaiaku Luiza: Força e Magiados Voduns). Lopes (2008, p. 196) nessa perspectiva pontua que especialmente para os povos do grupo etnolinguístico Banto, “todos os seres da natureza, inclusive plantas e animais, são sempre entendidos como forças vivas, em processo, nunca como entidades estáticas”.

[...] essas forças vitais, por sua vez, formam uma cadeia, da qual toda pessoa constitui um elo, vivo e passivo – ligado em cima aos elos de sua linhagem ascendente (seus ancestrais) e sustentando abaixo a linhagem de seus descendentes (LOPES, 2008, p. 196).

O valor atribuído a natureza dentro dessa cosmopercepção não está atrelado ao valor meramente econômico, mas “principalmente por ela ser servido, um dia, aos antepassados hoje venerados como ancestrais. E, assim como a terra e as águas, são sagradas as árvores e as plantas, por fornecerem sombra, alimento e remédio e por sua ligação com os antepassados ilustres (LOPES, 2008, p. 197). Da mesma maneira que os povos africanos, os povos originários no Brasil percebem a natureza, num incessante jogo em que o cosmo e o mundo se encontram. Africanos e povos indígenas não estavam orientados pelo valor monetário, mas sim de zelo à natureza, pois além de ser fonte de subsistência é entendida como morada de seus ancestrais.

Para povos africanos a experiência da conexão compreende e une todas as forças existente no cosmo, rejeitando, portanto, as ideias de separação, fragmentação, pois “a representação do Universo como um conjunto de forças em constante movimento corresponde à experiência existencial da tradição africana” (LOPES; SIMAS, 2020, p 18-19).

Conforme a boa herança africana, o indivíduo se situa no mundo não se afirmando



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

contra o 'outro' e contra aquilo que supostamente não lhe diz respeito, mas se percebendo como uma parte da Natureza, força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural de tudo que existe. Então, para o africano, o valor supremo da existência é a Energia que percorre a rede única que conecta todos os seres do Universo (LOPES; SIMAS, 2020, p.18-19)

Tanto para os Bantos (culto aos Nkisses) quanto para os povos Iorubás (culto aos Orixás) ou para os povos Jêje (culto aos Voduns), os elementos da natureza são elementos sagrados, divindades. Podemos entender a partir das contribuições de Santos (2019) que as cosmo percepções presentes tanto para os povos originários, para os quilombolas, quanto para as comunidades de terreiro estão pautadas na relação respeitosa com a natureza de maneira orgânica e biointerativa. A interação do homem com as forças vitais da natureza compreende a humanidade não como sujeito externo, mas como parte integrante da natureza.

[...] na relação entre o homem e a natureza, o indivíduo não é um sujeito abstrato, separado, independente das condições ecológicas da sua existência. O indivíduo não está separado das condições genealógicas e de seus pressupostos míticos, místicos, mágicos ou religiosos da terra. O ponto de partida desta apreensão é a integração da pessoa na natureza. (DOMINGOS, 2011, p.8)

Para os povos originários, quilombolas e comunidades de terreiro a lógica é de integração com a natureza pautada em amplo respeito. Diferentemente da lógica ocidental pautada nas relações de poder e dominação e da transformação da natureza em recurso econômico a todo custo. E, neste momento, é preciso recorrer à pluriversalidade (RAMOSE, 2011) enquanto possibilidade para "sulear" a pesquisa no sentido em que ela se contrapõe à universalidade científica, ao mundo moderno/ocidental. Portanto, é preciso trazer ao debate novas formas de pensar, sentir, perceber, cosmo perceber o mundo para além da perspectiva ocidental de mundo. E nesse sentido, as contribuições que tratam das perspectivas afrocêntricas podem colocar as pessoas negras também no centro dos debates científicos.

A partir das contribuições afrocêntricas, pautada em Asante (2009, p. 93), o paradigma da afrocentricidade é fundamental por se tratar "de um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE,2009,p.93). Nesta pesquisa afrocentricidade nos permite colocar os africanos, e no caso desta pesquisa especificamente, os africanos em diáspora (vinculado aos terreiros de candomblé) atuando no centro e não mais “atuando na margem da experiência eurocêntrica” (ASANTE, 2009,p.93).

Ao trazer as cosmopercepções vinculadas aos terreiros, suas festividades rituais, seus mitos, suas narrativas e seus lugares sagrados deslocamos as narrativas dos homens e mulheres de axé da margem para o centro. Uma ampla literatura pontua a necessidade urgente de pensarmos a natureza e seus elementos através de uma perspectiva não utilitarista, predatória com finalidade meramente atrelada à acumulação de capitais. Desvelar as cosmopercepções vinculadas aos terreiros de candomblé pode contribuir enquanto possibilidade de entendimento de outras formas de ser e de estar nesse mundo.



Farol sobre a Pedra da Baleia e Babalaxé Duda deCandola entregando oferenda as águas do Rio Paraguaçu durante a festa de Iemanjá, Cachoeira, Bahia (2022).

Foto: Acervo do terreiro Ilê Axé Icimimó Aganju Didê

Através dos elementos da natureza e das mãos sagradas dos sacerdotes que possibilitará a transmissão, potencialização e compartilhamento de axé, energia vital, força dinamizadora do mundo. Se para as comunidades de terreiro a natureza e determinados lugares nascidos são percebidos como sagrados para a sociedade mais



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ampla esses elementos passam despercebidos. Para os olhos leigos, entre passos apressados da vida e em meio a trivialidade do cotidiano o poder mágico dos lugares sagrados e suas oferendas passam despercebidos. O professor e pesquisador, Jaime Sodré, no documentário “Gaiaku Luiza: Força e Magia dos Voduns” aponta a magia das oferendas e a importância da preservação dos segredos aos adeptos do culto ao afirmar:

[...] oferenda tem uma dimensão de especificidade tão incrível que as vezes a posição geográfica que se coloca uma oferenda, os componentes daquela oferenda, o que se coloca para ser ofertado vai determinar as ações. Então é muito importante que o leigo pense que tudo é igual. É muito importante que o leigo não entenda aquela oferenda que você faz na rua (Trecho do documentário Gaiaku Luiza: Força e Magia dos Voduns)

Por essa razão que podemos compreender que o universo simbólico dos terreiros de candomblé extrapola o barracão e sua porteira estabelecendo conexões como sagrado da natureza presente no espaço das cidades envolvendo matas, árvores, cachoeiras, rios, pedras. E, como um grande ojú (pano branco) sagrado invisível, ultrapassa as suas porteiras conectando / “amarrando” terreiro como lugares de natureza situados “da porteira pra fora”. Através da cosmo percepção, no universo dos terreiros, a natureza é entendida como lugar sagrado por excelência.



Cortejo Festa de Iemanjá, Cachoeira, Bahia (2019, 2022)
Foto: Acervo do terreiro Ilê Axé Icimimó Aganju Didê

Esse entendimento torna visível as divindades, permite sentir que “os ancestrais se vestem de natureza” (SOUSA JUNIOR, 2011, p 47) e está presente entre árvores



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

centenárias, nas águas fluídas dos rios, no silêncio das matas, no sacudir das folhas secas, no assobio da ventania e dos pássaros. Não basta ter olhos para “ver”. É preciso sentir, ouvir, “cosmosentir”. O professor e Babalorixá Vilson Caetano Sousa Junior (2011, p.47) relembra que a ancestralidade se expressa na natureza, em tudo que contém vida, e acrescenta:

Quando falamos natureza, não estamos nos referindo apenas a tudo que é verde como se costuma associar, mas a tudo que tem vida e a tudo que está para viver, porque a vida nunca acaba. Foi essa filosofia que preconceituosamente foi chamada de animista ou primitiva. Nas comunidades-terreiros, os ancestrais se vestem de natureza, ora são a terra, o sol, a lua, as estrelas, as árvores, o mar, os rios, os raios, a tempestade (SOUSA JUNIOR, 2011, p.47).

Considerações finais

É tarefa deste artigo dar primeiros passos para pensar a experiência da afrodiáspora a partir de caminhos teórico-metodológicos para compreender a experiência dos negros e, aqui, especificamente, a partir das cosmopercepções vinculadas à prática religiosa do candomblé. Nesse sentido, a afrocentricidade emerge como proposta epistemológica que desloca esse pensamento dominante e aponta nossas possibilidades e perspectivas de mundo.

As comunidades de terreiros de candomblé carregam legado ancestral e são, essencialmente, constituídas de filosofia, cosmologia, heranças das culturas africanas e afro-brasileiras. Seus valores ancestrais estão presentes na sua organização social familiar, ligação com a natureza e ocupação com seu território. Em suas comunidades existe a valorização dos saberes (especialmente dos mais velhos), fazeres presentes na corporeidade, oralidade, musicalidade, memória e ancestralidade numa relação imbricada entre tangível e intangível, visível e invisível.

Através de um longo processo de resistência as comunidades de terreiro preservaram um legado cultural e valores civilizatórios que integram materialidade e imaterialidade. A ligação entre os terreiros de candomblé e seu entorno sagrado (barracão, matas, rios, encruzilhadas, rios) une através dos rituais de axé os aspectos materiais e



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

imateriais. As comunidades de terreiro carregam cosmopercepções, crenças, valores, ritualística, mitos, entendimentodo sagrado que muito difere dos paradigmas ocidentais e modernos. Esse modo de ser e estar no mundo questiona e tensiona esse saber hegemônico.

Muniz Sodré (2019) ao apontar o modelo africano de entendimentodo mundo esclarecequeoespaço não sedissociapordicotomizaçõesdotipohumano/natural, sensível / inteligível. Para o autor o “espaços agrado negro-brasileiro é algo que refaz constantemente os esquemas ocidentais de percepção doespaço, os esquemas habituais de ver e ouvir” (SODRÉ,2019,p.77) cuja cosmopercepção entendeque “as árvores, as casas,as ervas,osanimais, os homens, compõem uma totalidade que hoje os valores da acumulação capitalista e as formas produtivistas da organização do mundo procuram fragmentar” (SODRÉ,2019,p. 94).

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **The afrocentric idea**. Filadélfia: Temple University Press, 1987[Segunda edição:Filadélfia: Temple University Press,1998.

_____, Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO,ElisaLarkin(org).**Afrocentricidade:umaabordagemepistemológicainovadora**.Tradução deCarlosMedeiros. São Paulo:Selo Negro,2009.

DOMINGOS,LuisT.AvisãoAfricanaemRelaçãoàNatureza.ANAISDOIIIENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES–ANPUH-Questõeóricometodológicasnoestudodasreligiõese religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III,n.9, jan/2011.

GIAIKU Luiza:Força e Magiados Voduns. Direção: Soraya Públio C.Mesquita. Realização: IRDEB - TVE Televisão Educativa da Bahia (2004). 1 vídeo/ 52 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m1hw72ltbgE>Acesso: 10 Nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino.**Relaçõesétnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras,v.12,n.1,p.98-109,Jan/Abr2012.Disponívelem: Acessoem 10 de abr. de2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.

LOPES, Nei. Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente. In: NASCIMENTO, ElisaLarkin. **Guerreiras de natureza**: Mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, ElisaLarkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, ElisaLarkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

_____. **Natureza integral x natureza (meio ambiente)**: apontamentos para uma filosofia da natureza afrocêntrica e subjetividades contra-hegemônicas. Boletim Interfaces da Psicologia da UFRRJ. Vol.2, Nº. 2, Dez. 2009

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The invention of women**: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

RAMOSE, M; **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. Tradução: Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. In: Ensaios Filosóficos, Volume IV, out. de 2011

SANTOS, Juana E. **Os Nàgô e a morte**: pàde, àsèsè e o culto de Égun na Bahia. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SANTOS, Antônio Bispos dos. **Colonização, Quilombos: Modos e significações**. 2ª ed. rev. Brasília: Ayô, 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2019.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão**: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

VELAME, Fábio M. **Arquiteturas da ancestralidade afro-brasileira**: o Omo Ilê Agboulá um templo do culto aos Egum no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global